

Apresentação “Amor na histeria” realizada no dia 3 de outubro de 2020 no seminário “Histeria”, coordenado por Morgana Angeleti e Sonia Ambrozino, no Fórum do Campo Lacaniano de Nova Iguaçu.

O AMOR NA HISTERIA

O AMOR EM UMA ANÁLISE

A psicanálise nasceu do amor histórico. Do amor de transferência das histéricas com Freud. Então, me parece que esse tema é essencial quando falamos de psicanálise. Na verdade, eu acho que o tema do amor está o tempo inteiro presente quando falamos DE análise e NA análise. Frequentemente, ele é o próprio motivo que leva o sujeito a buscar uma análise: as dores de um amor. Mas, se é o amor o responsável pelo início de uma análise, seja como aquilo que aponta para a fantasia neurótica ou para uma forma de gozo que faz o sujeito sofrer, seja pelo estabelecimento da transferência, que é o mecanismo usado para sustentar o trabalho analítico, podemos citar Freud para qualificar a psicanálise como uma cura pelo amor. Eu diria que Lacan fez da psicanálise uma reforma do amor, mostrando outras saídas. Não que no fim de uma análise o sujeito saia com uma espécie de garantia de que sabe amar e que não sofrerá mais por isso. A psicanálise não garante nada em relação ao amor, ela confirma o seu caráter contingente e, se tem algo que o sujeito aprende em análise, é que tem algo que não pode ser resolvido e cabe ao sujeito “fazer as pazes” com a sua castração, ou como diria Lacan, criar um saber-fazer com isso.

A análise não modifica a condição humana do sujeito castrado e furado. Freud já avisava que o “Mal-estar da civilização”¹ está ligado com a impossibilidade da pulsão de garantir a satisfação plena e à necessidade de estabelecer ao gozo barreiras. Freud também disse que o “Mal-estar” está ligado às relações humanas.

Paradoxalmente, é pela castração que se ama. E aí, se falarmos do amor como um sintoma, já que ele é a resposta a uma falta e se acreditarmos em Lacan quando ele diz que “amar é dar o

¹ FREUD, Sigmund (1930). Mal-estar da civilização. In: “*Obras completas, volume 18: O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*”. Editora: Companhia das Letras p. 9-89.

que não se tem”², vemos que há uma parte desse amor-sintomático que é estrutural e outra que é singular. Bem como a definição de sintoma na psicanálise, seja o sintoma freudiano, interpretável, decifrado, localizado entre o simbólico e o imaginário, seja ele sintoma como função de gozo, gozo singular, próprio de cada um.

Por um lado, no sintoma decifrável, temos a sua articulação com a fantasia e a sua forma de responder à falta que é estrutural. A fantasia implica o desejo. O que nos leva a dizer que há uma forma de desejar da histérica e uma outra forma de lidar com desejo no obsessivo. Então haveria uma forma histérica de amar? A psicanálise ensina que o sexual sempre faz sintoma e que a escolha do parceiro é sempre um sintoma. O processo da análise é o que permite, ao sujeito, viver esse sintoma de outra maneira³.

Por outro lado, se falarmos do sintoma singular, ele não é tratado aqui como o que incomoda, mas ele é, no final da obra de Lacan, concebido como “uma invenção singular que se opera para cada um se aparelhar face à intrusão do gozo no corpo. Pois, com efeito, se o sexual faz sintoma é porque ele comporta, para cada um, o encontro com um gozo inédito”⁴. Portanto, a noção de sintoma, enoda o amor, o desejo e o gozo, que ora se igualam, ora divergem entre si.

Se formos falar do amor, já vemos de saída que ele não corresponde a uma única coisa dentro da teoria psicanalítica. Temos algumas fórmulas do amor na psicanálise que vai desde o amor como paixão do ser, amor cego que move o sujeito, até o amor de transferência e as formas de amor-suplência como resposta ao impossível da relação sexual. Se “não há relação sexual”, como se dá a relação entre falantes? Como lidam com amores, desejos e gozos? A questão da impossibilidade da relação sexual imposta por Lacan já foi marcada desde Freud, quando o criador da psicanálise nos afirmou que o objeto é parcial. O objeto, em Freud, é inclusive o que há de mais variável na pulsão e, acima de tudo, é perdido. Então, o que Lacan quer dizer com essa frase, que pode, em um primeiro momento, até parecer absurda e difícil de compreender, é muito simples. Obviamente ele não se refere ao ato sexual entre um casal, mas à impossibilidade de se satisfazer por completo com uma outra pessoa, a impossibilidade de fazer Um de dois, como se imaginou no

² LACAN, Jacques (1960). *Séminaire 8 : Le transfert (1960-1961)*, (aula do dia 23 de novembro de 1960), versão STARFELA.

³ IZCOVICH, Luis (2015). “Amor: semblantes e sinthoma”. In: “*Stylus revista de psicanálise da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil: amor e sexo*”, nº30, p. 21-28, junho 2015.

⁴ *Ibid.*, p. 26.

conto de Aristofanes, lembrado por Freud, que ilustra a divisão do ser humano em duas metades fadadas a encontrar sua metade na terra pela união amorosa.

O amor pode ser aquele narcísico, se alojando, sobretudo, no campo do imaginário, ligado ao eu-ideal ou ao Ideal do Outro, ou real como relação de sujeito para sujeito, como um encontro de inconscientes. Badiou⁵ apostou no amor além do narcisismo, o que implica em uma confiança depositada no acaso. Esse seria um amor fora dos mecanismos da identificação, permitindo, por outro lado, o encontro entre as diferenças.

Dentre os inúmeros nomes do amor, as vezes o desejo pode nos impulsionar à busca do que nos falta, enquanto o amor promove a ilusão do encontro. Nesse ponto, o amor seria bem ilusório, pois sabemos que esse encontro é impossível. O amor pode também ser uma invenção do sujeito para suportar a sua castração, mas talvez não a invenção mais conveniente, pois possivelmente ela implica em uma fantasia masoquista, que ainda remete o sujeito a uma repetição gozoza, um sofrimento. Lacan disse que o amor pode ser inclusive um suicídio ou ainda chegar a uma devastação. O amor pode igualmente ser apenas demanda de amor, demanda incessante, que pode dar ou não o espaço para que apareça o desejo.

A única coisa que podemos dizer para abarcar todas as fórmulas de amor dentro da psicanálise é que Freud e Lacan desconstruíram o ideal amoroso. Para falar do amor que implica o desejo nas estruturas precisamos entender como isso se constitui. Só desejamos porque somos seres de linguagem, marcados pela falta. Essa falta, demasiadamente humana que nos funda e nos qualifica como falantes, *falasser* disse Lacan, nos aprisiona ao golpe da linguagem. Somos carne carcomida por significantes, alienados à imagem de outros e às palavras dos Outros. Obviamente somos seres de linguagem porque há outros seres que colocamos no lugar do Outro que é, na linguagem lacaniana, o Outro da linguagem, assim como o Outro que exerce a função materna e paterna para o sujeito. Outro é também nada mais nada menos que o próprio inconsciente e isso se dá porque o desejo desse Outro parental nos marca a nível de inconsciente. A primeira pergunta que nos fazemos quando nos deparamos com a tal da falta é “*ché vuoi*”, que significa “o que quer de mim?”. Essa é a pergunta que respondemos através da fantasia fundamental.

Não por acaso, Lacan equivaliu esse momento da pergunta que dá a origem à resposta fantasiosa de cada um, à primeira rejeição do ser, a primeira rejeição amorosa que marca que o sujeito e o Outro não se completam, mas faltam. À mãe falta algo que está além da criança, o que

⁵ BADIOU, Alain (2009). “*Éloge de l’amour*”. Éditeur Flammarion. Collection Champs Essais.

implica que o próprio vivente seja faltante, pois não consegue oferecer ao Outro primário aquilo que esse outro deseja. O desejo do Outro, que só pode existir se houver uma falta, pois ninguém deseja o que se tem, aponta para a ilusão desse amor simbiótico. É o desejo do Outro que serve de vetor para o desejo do sujeito, indicando o que ele precisa alcançar para obter o amor do Outro. Isso é algo que as histéricas sabem bem.

O sujeito, por outro lado, passa a vida tentando descobrir, nomear, se identificar àquilo que ele acredita que o Outro quer dele. O amor é fundado nesse narcisismo primário que, através da construção da fantasia, funda o inconsciente do falante. Assim está posta a tragédia neurótica e o sujeito está fadado à busca do tal objeto perdido que ele acredita um dia ter tido, alucinação que vive no inconsciente de todos falantes. Quanto a isso, sabemos que é o processo de uma análise, ao provocar o esvaziamento de sentido do sintoma, que permite, como nos indica a Vera Pollo⁶, fazer a passagem do trágico para o cômico.

Mas, sobre o amor-sintoma, gostaria de fazer algumas considerações:

1° - O amor nasce da condição da falta, pois ele nasce quando o sujeito se sente rejeitado;

2° - O amor nasce de uma ilusão, porque a completude é totalmente ilusória;

3° - O amor nasce junto com a criação da fantasia fundamental.

Freud falou do “romance do neurótico” quando nos convidou a pensar no desejo que se inscrevia na história e nas repetições associadas em análise pelo paciente. Então, mais uma vez, vemos que o amor surge na teoria freudiana a partir de mulheres histéricas que, ao pedir licença ao médico para contar suas histórias, fizeram nascer o analista, mostrando para Freud sintomas corporais, que apareciam no lugar de uma proibição amorosa, incestuosa. As histéricas apontaram a etiologia sexual das neuroses e a existência do Édipo como realidade psíquica. A partir daí, a escuta freudiana dá lugar para a teoria de que aprendemos a amar com o Outro e que a relação amorosa com os pais marcaria as repetições do romance neurótico ao longo da vida do sujeito. Então tudo começa no primeiro amor do sujeito que é o amor edípiano.

Essa coisa que se repete e marca um destino amoroso é o que chamamos de inconsciente. Ouvimos reclamações sobre isso o tempo inteiro, pessoas que se queixam de ter “dedo podre” e só escolher um determinado tipo de parceiro. Um parceiro marcado por um traço específico que o

⁶ Fala da Vera Pollo em uma apresentação realizada no Zoom, dia 22 de agosto de 2020 pelo Fórum do Rio de Janeiro, intitulada “*Subjetividade, segregação e violência no laço social*”.

sujeito não consegue se livrar, pode ser um traço de “traidor”, de “agressivo” ou qualquer outra coisa que a sua interpretação inconsciente fantasiosa tenha permitido operar.

É também porque amamos a partir desse lugar da rejeição do amor do Outro, que a demanda de amor é, por definição, insatisfeita e, por isso, abre espaço para o desejo. A demanda não sabe o que quer, na verdade, também porque não se sabe o que se perdeu, afinal, o objeto perdido é real (objeto *a*), e por sermos faltantes nunca vamos obter o suficiente. O amor não é capaz de preencher a falta porque ela é estrutural. O desejo que surge na insatisfação e na impossibilidade de encontrar um objeto que o realize, mostra que estaremos sempre desejando além, a mais. É esse desejo que uma análise visa para, no final dela, conseguir fazê-lo emergir de forma inédita, desalienado do Outro e das identificações.

No seminário 20⁷, Lacan salienta que essa falha $S(A)$, onde no Outro parte a demanda de amor é “*Mais ainda*”. Trata-se de uma “falha” estrutural e permanente – o amor - que promete a completude, mas não cumpre, direcionando o sujeito à repetição de demandar mais e “*mais ainda*”. É o ponto onde algo se inscreve da ordem do real, ponto onde o simbólico é sempre impotente. Não obstante, falar de amor é também um gozo. Gozo que se tem de “reclamar” do furo, da impotência, da impossibilidade de fazer Um de dois. Das reclamações fazemos música, filmes e poesias. Talvez, justamente por marcar essa falha impalpável a nível simbólico, o sujeito fala de novo e de novo, demanda mais e cria, através da sua fantasia, uma resposta para a rejeição amorosa do Outro, negando a rejeição de forma masoquista. Essa resposta, que é a fantasia, é o que faz com que o amor seja, como Lacan disse, sempre recíproco. O que quer dizer que o sujeito se relaciona com a sua própria fantasia ao invés de estabelecer uma relação com o outro e a sua fantasia responde sempre do mesmo modo. É o que vemos na clínica. Quando ordenamos ao sujeito que ele trabalhe em associação livre, descobrimos que, de livre, não há nada. A associação o leva sempre para o mesmo ponto, sua repetição fantasiosa.

A função do amor como suplência ao que não se inscreve da relação sexual nem sempre é conveniente para o sujeito e pode levá-lo ao sofrimento, pois o amor não se inscreve e está sempre nas reticências⁸. A questão é que, no que diz respeito, às suplências pelo amor, não há nada que assegure que o amor dure para sempre, mas, se ele “perdura no tempo, isso prova que houve um

⁷ LACAN, Jacques (1972). *Séminaire 20 : Encore (1972-1973)*, (Aula do dia 21 de novembro de 1972), versão STARFELA.

⁸ IZCOVICH, Luis (2015). “Amor: semblantes e sinthoma”. In: “*Stylus Revista de Psicanálise da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil: amor e sexo*”, n°30, p. 21-28, junho 2015.

encontro entre dois saberes inconscientes”⁹, encontro de línguas, já que “nós falamos todos uma língua estrangeira a nível do inconsciente”¹⁰.

Se o conceito de transferência fez, para Freud, na psicanálise, uma cura pelo amor, precisamos reconhecer, com ajuda de Lacan, que a psicanálise é uma estratégia arriscada, que busca se valer do amor como ferramenta, ainda que ela reconheça a sua impossibilidade, sua impotência e seu narcisismo. A impotência de um amor está relacionada à demanda que nunca pode ser satisfeita. Sobre o seu caráter impossível, podemos observá-lo claramente na ilusão de fazer de dois Um, pois é impossível cumprir sua promessa de união. Por fim, o amor é também mentiroso porque é narcísico, dissimulando o amor a si mesmo sob a máscara de ser um amor para o outro, o amor mente sobre o objeto que ama, engana, porque só quer o seu próprio bem sob a desculpa de querer o bem do outro. Daí a tese de Freud em “Psicologia das massas e análise do eu”¹¹ que descreve o amor universal como segregativo. Não podemos amar qualquer coisa, se amamos “x”, quer dizer que colocamos o “x” em uma certa posição de privilégio, há motivos pelo qual o amamos, motivos ligados aos ideais que sustentamos. Fica evidente, no argumento de Freud, que o amor é narcísico e espera algo em troca, ama-se algo de si no outro. Mesmo se for algo que me falte no outro, é ainda uma parte de mim, dos ideais que eu criei. E o amor narcísico desemboca facilmente no ódio, são parentes.

O analista sabe que o amor se constitui em um jogo de ilusão e, então, por que se utiliza de uma estratégia que tem um fundo ilusório? Luis Izcovich disse que a análise “ao introduzir o sujeito no circuito do desejo, dá uma chance para que o amor seja outra coisa que a demanda”¹². Isso já está posto desde que o sujeito pôde fazer sua entrada em análise, assumindo uma outra posição em relação à paixão da ignorância, que é o seu sintoma.

Para a Colette Soler isso implica no fato que “o amor de transferência não é o amor de sempre”¹³, por não ser cego e nem ignorante. O amor da transferência é um amor endereçado a um saber, o que aponta para a mudança. Enquanto um amor ignora qualquer coisa que ameace o Um,

⁹ *Ibid.*, p. 24.

¹⁰ SOLER, Colette (2017). “*Un autre Narcisse*”, Collège clinique de Paris, année 2016-2017, Éditions du Champ Lacanien, p. 66.

¹¹ FREUD, Sigmund (1921). “Psicologia das massas e análise do eu”. In: “*Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*”, Companhia das Letras, p. 9-100.

¹² IZCOVICH, Luis (2015). “Os nós do amor e dos gozos”. In: “*Stylus Revista de Psicanálise da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil: amor e sexo*”, n°30, p. 13-20, junho 2015, p.16.

¹³ Fala da Colette Soler no seminário de leitura sobre “Seminário 20” de Lacan, realizado no Hospital psiquiátrico Sainte-Anne, em Paris.

o amor que dá início a uma análise aponta para um sujeito que é suposto saber algo daquilo que eu ignoro. A análise, sustentada pela manobra da transferência do sujeito, utiliza as dimensões simbólica e imaginária do amor, fazendo-o se defrontar com o real em jogo no desejo. Enquanto o sujeito demanda, o analista se cala e “deixa a desejar”. A psicanálise opera com o amor de transferência para ensinar sobre a história de cada análise, que “é a história do amor do analisante pelo saber”¹⁴. Há um ganho de saber e o amor pode se tornar mais digno que a “profusão do palavrorio”¹⁵ que ele constituía antes.

No romance edipiano de Freud temos a mãe-objeto (objeto de amor, desejo e gozo), que é o objeto que será perdido e o pai proibidor. Cada um traz, no mais íntimo de si, a marca do Outro primordial. Lacan acentuou o desejo da mãe, mostrando que ali onde havia surgido a mãe do amor, ele evocou a mulher. A mãe-mulher é “não-toda para o seu filho”¹⁶. Quanto a mãe, ela é sempre demais ou de menos, mas nunca na medida certa. Ela é igualmente para o sujeito a imagem das suas primeiras angústias, lugar de um enigma insondável e de uma ameaça obscura. As falhas da mãe sempre têm lugar no inconsciente, chegando à devastação quando se trata da filha. Os poderes da linguagem sobre o sujeito deixam marcas tão grandes que podem até regular o gozo e a mãe é a primeira representante desse lugar por ser quem introduz o filho na demanda. O amor materno, como qualquer demanda, é estruturado pela fantasia. Na verdade, como vimos, ele é mesmo fundador dela.

A clínica do amor pressupõe uma posição ética do sujeito que tem a ver com sua perversão generalizada, as suas pulsões sexuais, mas, se a pulsão é parcial, o amor brinca de ser totalizante. Essa brincadeira pode acabar mal, pois o inconsciente é solteiro. Aí está o problema. No inconsciente só há lugar para Um, daí a confusão do sujeito quando temos dois, ou mais, como a histérica gosta de fazer. A única forma de unir dois é apenas se o inconsciente for “um corpo emprestado ao parceiro para que ele retire dele o seu mais-de-gozar”¹⁷, ou seja, para ser utilizado como sintoma. Contudo, “o sintoma é constante, mas nem por isso é fiel”¹⁸. Há, na relação de sujeito para sujeito, que é o amor, um dueto de corpos. A maldição, o mal-dizer do inconsciente

¹⁴ THAMER, Elisabete (2017). “*Une psychanalyse ne peut pas tout*”, Journée européenne d’École: Le savoir du psychanalyste et son savoir-faire, Barcelona, 22 de janeiro de 2017.

¹⁵ LACAN, Jacques. “Nota italiana”. In: “*Outros escritos*”, p. 315.

¹⁶ SOLER, Colette (2003). “*O que Lacan dizia das mulheres*”. Jorge Zahar Editor, p. 253.

¹⁷ *Ibid.*, p. 418.

¹⁸ *Ibid.*, p. 418.

sobre o sexo tem a ver com o fato dele ser de linguagem e que ele só conhece o Um. Entre o homem e a mulher existe o muro de linguagem mostrando um impasse.

Parafraseando a Colette Soler: “O amor, por mais contingente que seja, tem uma estrutura de sintoma, o que combina perfeitamente com o seu caráter repetitivo e compulsivo”¹⁹. Um sintoma “designa os arranjos de gozo do *falasser*, que não criam vínculos de um com o outro, mas apenas entre um e seu gozo”²⁰. Não obstante, o sintoma na psicanálise lacaniana, como eu anunciei no início, não engloba só o sintoma freudiano, formação de compromisso entre o eu e o isso, fruto do recalque que retorna como substituto da satisfação sexual que era proibida. Esse sintoma de Freud é decifrável, faz parte desse inconsciente-linguagem, localizado entre o imaginário e o simbólico, onde Freud criou, através da psicanálise, uma estratégia de decifrar a verdade da fantasia neurótica. Lacan, vai trabalhar, a partir da ideia de Freud de “rochedo da castração”, o sintoma real, esse da repetição gozoza fora de sentido, que resta no final de uma análise, como o osso, ou a pedra, uma rocha. A saída da análise lacaniana implica a criação de um novo saber-fazer com esse “osso”, o que pode resultar em um “amor mais digno”²¹, ao menos, mais advertido. Portanto, poder dizer “você é meu sintoma” no fim de análise, não é mais falar de um amor cego, mas um amor-sintomático do qual obtivemos notícias durante o percurso analítico, um “amor de olhos abertos”²².

Não há relação entre os gozos sexuais, apenas perversão generalizada, portanto, só há relação sintomática do sujeito com o gozo, regulada de maneira singular a partir do inconsciente-linguagem. Aí está o sintoma que existe para todos. Não que ele seja igual, pelo contrário, mas são todos eventos de corpo, singulares, pois o sintoma é a forma que cada um goza do seu inconsciente.

Em 1975, Lacan renomeia “sintoma” tudo aquilo que antes era situado como objeto (*a*) de desejo. É o caso da mulher e do analista. Isso implica que “na falta de um parceiro programado, o inconsciente vem em suplência, fazendo-se instigador dos encontros da vida amorosa”²³. Dizer “sintoma” é evocar mais que o objeto do reencontro, mais que os laços do amor-imaginário e do desejo, evocamos também o próprio gozo ou o gozo próprio. Mas, antes de chegarmos a esse ponto em uma análise, há um longo caminho que o sujeito deverá percorrer para se livrar das prisões do

¹⁹ *Ibid.*, p. 478.

²⁰ *Ibid.*, p. 478.

²¹ LACAN, Jacques (1973). “Nota italiana”. In: “*Outros escritos*”, p. 315.

²² SOLER, Colette (2003). “*O que Lacan dizia das mulheres*”. Jorge Zahar Editor, p. 478.

²³ *Ibid.*, p. 503.

registro simbólico que assombram o sujeito em suas escolhas amorosas. Agora vou me ater ao caminho histórico.

O AMOR NA HISTERIA: ENTRE O HOMEM E A MULHER

Se a psicanálise nasceu de um amor histórico, é porque a histeria denuncia o amor edipiano como ninguém, pois continua sustentando a paixão pelo pai. O pai como objeto de identificação, é na estrutura histórica, um ideal, um parceiro ideal para o amor. O Édipo, por sua vez, tem inúmeras versões para a psicanálise, mas podemos tomá-lo aqui pelo viés da identificação, como Freud tomou ao revelar esse processo como uma forma de fazer laço com o outro. O Édipo pode ser, como Colette Soler²⁴ nos aponta, a tentativa de responder a uma pergunta: “como pode um homem amar uma mulher?”. Ora, essa pergunta é o que ecoa em uma histórica a respeito da sexualidade de homens e mulheres: “o que é uma mulher?”, “o que deseja um homem?”. O pai, então, é alguém que a histórica procura para dar alguma designação ao que é uma mulher, ou ainda alguém que sabe sobre o seu ser e que pode lhe emprestar seu desejo.

Poderíamos ilustrar esses questionamentos a partir do caso Dora²⁵, onde ela se interroga sobre o desejo do Outro, o seu pai. De saída, vemos que o sintoma histórico inscreve no corpo um amor impossível. Freud chega a ficar confuso com o amor e as confusões históricas, não compreendendo tão bem o papel da mulher, a Senhora K., nessa trama. No amor, o sujeito histórico não forma um par, mas um triângulo ou mais. Nesse caso, para citar Lacan “um ballet de 4”²⁶, onde encontramos o Sr K., Dora, a Sra. K. e o pai. Notem que, quando falamos em histeria, há sempre uma Outra, ou seja, uma mulher que sabe o que é ser mulher, alguém que ocupe o lugar de ideal. Nesse exemplo de Dora vemos que ela se interessa pela Senhora K **como sintoma**, mas, ao mesmo tempo, ela não quer ser a Senhora k., isso fica claro com a bofetada que ela dá no Senhor K quando o lugar lhe é proposto. Se identificar com o sintoma do outro é algo comum na histeria, frequentemente observamos isso na clínica. Isso implica que históricos atribuam ao outro um desejo que se assemelha ao seu.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ FREUD, Sigmund (1901). “Análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora, 1905 (1901))”. In: “*Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*”. Edição Companhia das Letras, p. 173-320.

²⁶ LACAN, Jacques (1956). “*Séminaire 3: Psychoses (1955-1956)*” (aula do dia 21 de março de 1956), versão STARFELA.

A histeria, que sempre se interessou pelas questões sexuais, foi confundida com a feminilidade no começo da história da psicanálise. Lacan explica a proximidade da histérica com a mulher através do mistério do feminino, que provoca questão na histeria, mas não deixa de comentar, durante o “Seminário 3”, sobre os homens histéricos. Eles partilhariam da mesma questão sobre o sexo, desvelando a condição de falta de significante que represente, no inconsciente, o feminino. O dado clínico de atestar mais mulheres histéricas do que homens é, portanto, para Lacan, justificável devido ao impossível caminho da realização simbólica da mulher, o que obriga a histérica a se identificar com o pai. Sabemos que aqui, entretanto, Lacan ainda tem muito a avançar sobre o falo, a histeria e a mulher. É nesse avanço que Lacan poderá deslizar a questão histérica para a questão do sujeito desejante como tal, afirmando que os homens ocupariam o seu lugar até com mais competência, e, pouco anos depois, Lacan se definirá, ele mesmo histérico, mas um “histérico perfeito”²⁷. Sobre essa última frase polemica, interpreto: trata-se de um sujeito que se considera, depois de ter finalizado sua análise, um histérico sem sintomas, pois não endereça mais nada ao Outro e possui um certo saber-fazer com aquilo. Contudo, não consigo lê-la sem um certo tom de ironia da sua parte.

Lacan considera a histérica o próprio inconsciente em exercício, o que implica na existência de um núcleo histérico em cada sujeito neurótico e no discurso histérico que representa o discurso do sujeito no divã. Desse modo, poderíamos chamar de amor histérico o próprio amor do analisando pelo seu analista, visto que o amor de transferência faz o sujeito operar através desse discurso. Isso me parece importante na medida em que o discurso histérico visa a produção de um saber. Poderíamos dizer que a histérica faz de si uma causa de saber. Se ela não está necessariamente movida pelo desejo de saber, ela quer inspirá-lo no outro. As histéricas demandam e recusam o saber, se oferecendo para obter o saber do mestre. Mas os sujeitos que se inscrevem no discurso histérico, entram no dispositivo analítico e podem, durante a análise, obter pedaços de saber sobre sua verdade, que jamais pode ser dita por inteiro, meio-dita, portanto. Isso se dá pelo núcleo real do sintoma que está para além da fantasia.

No amor de transferência, a histérica se queixa de não ter a demanda de amor correspondida e frequentemente fabrica um Outro que não sabe administrar o tratamento. Afinal,

²⁷ LACAN, Jacques (1976). “*Séminaire 24: L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à la moure*” (Aula do dia 14 de dezembro de 1976), versão STARFELA.

a histórica situa o Outro como aquele que tem o poder de responder, mas é impotente para mandar. A política da histórica é denunciar a falta no Outro²⁸.

Para voltar à questão histórica, de ser mulher ou homem, Lacan marcou a diferença entre as posições de **ter** o falo e **ser** o falo, no começo, e depois entre **ter e ser** o sintoma, “mas as duas formulações não são equivalentes”²⁹. Na primeira fórmula trata-se da função negativa da falta, enquanto, na segunda vemos a função positiva do gozo. Isso é interessante para pensar a histeria, pois ela quer ser o falo e não o sintoma. A histórica se interessa pelo sintoma do outro e toma a mulher como o próprio sintoma, como falamos no exemplo da Senhora K. Vejam que se interessar pelo sintoma do outro, na histeria, não significa consentir em ser o sintoma, nem ter um sintoma igual ao do homem. Dora sustenta a causa paterna através da idealização da Senhora K, pois ela incarna a função feminina, o enigma do amor de seu pai. O Senhor K., portanto, nada mais é que sua identificação imaginária, até o momento do tapa.

A Senhora K é a outra mulher que aparece como suporte para responder à questão do que é ser uma mulher, pois, talvez, isso responde o que ela é para o pai. No seu “ballet”, ela só se coloca como objeto de amor do Senhor K. por acreditar que ele tem o mesmo objeto de amor que o seu pai, ou seja, a Senhora K. Quando o desavisado afirma que a sua mulher não significa nada para ele, ela rapidamente entende que a Senhora K. não seria nada para o pai e a consequência é o tapa.

A Senhora K. serve para estabelecer uma posição triangular pelo que Dora acredita ser o sintoma do pai. Ela ama o pai pelo que ele não dá e demanda, no amor, o signo do que ele não tem. Assim, podemos retomar a ideia de Lacan da mulher como sintoma para um homem para explicar esse comércio amoroso. Dora imagina que esse é o lugar da Senhora K., lugar de sintoma do Outro, portanto, lugar de quem sabe sobre o seu desejo. Contudo, como disse no começo, Dora não quer incarnar o lugar de sintoma do pai, como uma boa histórica, ao se sentir muito visada pelo desejo do Outro, se sente ameaçada. O trio, ou quarteto, serve para manter entre eles uma distância “saudável” na imaginação da pequena histórica. Ela quer que o Sr. K fale algo sobre a sua senhora e não sobre ela mesma, pois o desejo de desejo insatisfeito implica que, se o outro responde à sua pesquisa dizendo o que deseja dela, apareça a angústia.

²⁸ QUINET, Antonio (2009). “A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analisantes”. Editora Zahar.

²⁹ SOLER, Colette (2003). “O que Lacan dizia das mulheres”. Jorge Zahar Editor, p. 131-132.

O sintoma é como uma procuração, é a sua forma de amar. Dora ama por procuração a Senhora K. Vemos isso também no exemplo da Bela açogueira, que oferece a amiga ao seu marido por procuração. Ela quer ser o falo, objeto agalmático de desejo do Outro, nem que seja o falo magro.

A feminilidade implica a relação com o Outro homem, para se realizar como sintoma. O fato de acentuar o fazer-gozar não impede que ela exerça o fazer-desejar, assim atua, para Colette Soler³⁰, o núcleo histérico nas mulheres. A autora ressalta que a histérica, assim como a mulher, também faz mediação pelo Outro, mas não com os mesmos fins, ela não busca se realizar como sintoma. A histérica faz um comércio do amor, ama por procuração, atribuindo plenos direitos ao Outro ao se oferecer como corpo para dançar conforme o desejo do Outro, para que assim, ela possa cartografar o seu próprio desejo.

Se Freud perguntou o que quer uma mulher, Lacan respondeu: “gozar!”. Mas, o que vemos na clínica é que a histeria permanece suspensa nessa pergunta, buscando estratégias para respondê-la, se identificando ora com o homem, ora com a mulher. O que me leva a perguntar o que seria “bancar o homem” na histeria? Isso pode designar tanto o desafio histérico “mostre-me que você é de fato homem”, quanto designar uma identificação com o homem, que pode ser uma identificação com o ter fálico ou com a falta que provoca desejo³¹. No caso de Dora, por exemplo, ela é identificada imaginariamente à Sra. K por ser objeto do Outro, o pai, e se interessa pelo Sr. K apenas na medida em que ele será interrogado para dizer mais sobre o desejo que a Outra causa.

A histérica é totalmente movida pelo desejo do Outro, sobre a causa do desejo masculino. Por conta disso, se encontra sem lugar no seu próprio desejo, girando em torno da falta para manter-se insatisfeita. Freud³² concebeu o ataque histérico como uma fantasia encenada em que o sujeito é o objeto sexual de um cenário fantasioso e se arriscou a comparar a histeria com uma obra de arte, enquanto a neurose obsessiva seria uma religião. Já, Lacan, disse não ter certeza sobre a existência da histeria, apenas sobre a neurose obsessiva. Não que a gente não encontre a histeria nos nossos consultórios, mas os sintomas da histeria estão sujeitos à época, pois ela é *hystórica*. A histeria tem a plasticidade de um camaleão. Enquanto o animal muda de cores, ela muda a obra de

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

³² FREUD, Sigmund (1912-1913). “Totem e tabu”. In: “*Obras completas, volume 11: Totem e tabu, contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*”. Edição Companhia das Letras, p. 11-356.

arte e a cada obra procura compreender o desejo do pintor. O que Lacan sublinha, portanto, ao seu modo, é a plasticidade histérica ao compará-la com a rigidez obsessiva.

Constatamos que a estratégia histérica não busca o gozo de mulher como imaginava Charcot, na verdade, a posição de objeto de gozo para o Outro pode provocar horror nas histéricas. Por outro lado, também não devemos dizer que elas recusam todo gozo, pois o gozo da falta, o gozo de consumir a falta, é também gozo³³. A verdade do sintoma histérico é a marca histórica do gozo inscrito no corpo. O modo que elas arrumaram de entrar em uma relação sexual é de reenviar o desejo e não satisfazer o gozo sexual, o que é exatamente a posição contrária da mulher. No feminino, é o sexual que a torna falo como lugar de complemento do desejo masculino e objeto de gozo, na histeria o ser o falo está ligado ao provocar desejo. A diferença está entre ser o objeto de desejo e ser o objeto **provocador** de desejo, que precisa deixar o gozo insatisfeito para permitir o surgimento da falta. Podemos dizer, com Colette Soler³⁴, que a mulher quer um mais-gozar e a histérica um mais-ser.

A exigência de ser algo, um objeto agalmático para o Outro, objeto causador de amor e de desejo, pode nos fazer pensar na intolerância da histeria com a ideia de ser “usada” como objeto de gozo por um homem, ou na dificuldade de ir para a cama sem fantasiar. É preciso ter uma história, uma importância, o que nos remete, mais uma vez, à recusa de ser “sintoma” para que o outro apenas usufrua de si.

Se a histérica se consagra a insatisfazer o gozo, é por uma tentativa de obter algo que toca o ser. Para se fazer desejar, “ela quer se provar como causa de desejo para o outro e é dessa posição que elas interrogam o que é ser uma mulher para um homem”³⁵. A tentativa histérica é se fazer objeto agalmático do Outro e, portanto, ela vai buscar saber sobre esse objeto. A histérica se dirige ao homem para pesquisar sobre ele, mas ela enuncia o impossível dessa tarefa, pois o objeto do desejo, nós já sabemos, é real, resto impossível de dizer. Ainda que esteja advertida da falta, a histérica permanece incansável, promovendo a eterna demanda de amor: quem sou eu para você? Qual o meu lugar no seu desejo? Por que você me ama?

Ela demanda o amor, mas para fazer o seu comércio, precisa garantir de que a demanda não será jamais satisfeita. Ela mede o seu desejo pelo desejo do Outro, mas se mantém escorregadia

³³ SOLER, Colette (2003). “*O que Lacan dizia das mulheres*”. Jorge Zahar Editor.

³⁴ *Ibid.*

³⁵ MIRANDA, Elisabeth (2004). “L’amour entre l’hystérie et le féminin”. In: “*L’en-je lacanien*”, n°, p. 38. Disponível em : www.carin.info/revue-l-en-je-lacanien-2004-1-page-33.htm, p. 36.

para não ser capturada. Enquanto a histérica acredita saber muito sobre o desejo do seu parceiro, ela esquece do amor. O amor não é a pesquisa do outro, isso é apenas uma estratégia histérica para se crer a mulher causadora do desejo dele. Interpretação dela, entretanto, não é sem relação com a sua fantasia, afinal o amor narcísico passa por ai, pelos atrelamentos aos ideais que o sujeito capturou do Outro para criar, ao seu modo, seu objeto fantasioso.

A fantasia é aquilo que tampona a castração com o objeto de mais-de-gozar de modo que o sujeito só tem isso. Ele está fadado a responder daí, pelo menos até que se alcance uma nova possibilidade, uma nova forma de fazer com isso, no final de análise, depois de ter atravessado sua fantasia. A preferência dada ao gozo da fantasia é particularmente evidente nos casos da histeria. A histérica faz greve do corpo pois extrai seu mais-de-gozar da Outra mulher na fantasia. A histérica quer ser um homem, mas não para gozar, e sim para produzir um saber sobre o objeto que ela constitui para ele. Enquanto ela se ocupa com o objeto do outro, se coloca no lugar do homem fálico e banca o homem para enaltecer e fazer existir A mulher, que não existe. Quer dizer, A mulher do desejo do Outro. Assim, dizemos que “ela é uma militante do que não existe”³⁶.

Nesse sentido, o Luis Izcovich faz uma definição pertinente do amor histérico como aquele amor em que o parceiro pode servir apenas para o gozo da fantasia: “É um gozo limitado ao amor. É o que Lacan designou como as “almorosas”, e que diz respeito a uma ética *hors-sexe*, fora do sexo”³⁷. É o amor que encobre e se sustenta na fantasia da Outra mulher. A forma de amar histérica no lugar de causa de desejo, poderia ser igualmente equivalente ao lugar de objeto (*a*), causa de desejo, na fantasia do homem ou o lugar do próprio homem, bancando-o, como já dissemos. A histérica, em sua estratégia de amor, acentua a demanda de amor para surrupiar o desejo, fazendo então aparecer a demanda do ser. Assim, a histérica, para se fazer amar, provoca, arma e fura.

Na relação da histérica com o parceiro, ela assume a estratégia de subtração, seduzindo e recusando ao mesmo tempo, buscando aquilo que não é satisfeito no outro e se identificando ao que ela imagina causar desejo no outro, a falta, para manter-se insatisfeita. A insatisfação evidencia o impossível da demanda histérica “me diz o que visa o seu desejo em mim e no outro”. A histérica

³⁶ SOLER, Colette (2003). “O que Lacan dizia das mulheres”. Jorge Zahar Editor, p. 340.

³⁷ IZCOVICH, Luis (2015). “Amor : semblantes e sinthoma”. In: “*Stylus Revista de Psicanálise da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil : amor e sexo*”, nº30, p. 21-28 junho 2015, p.23.

procura um homem pelo saber, para saber do objeto, como se houvesse de fato um saber sobre o objeto agalma.

AS DIFERENÇAS CLÍNICAS NO AMOR OBSESSIVO E NO AMOR HISTÉRICO:

Já que apontamos para a rejeição do ser, primeira rejeição amorosa do sujeito com relação ao Outro primordial, precisamos salientar que o Outro é barrado na neurose, inconsistente, embora o sujeito se esforce para cobrir isso. Isso significa dizer que o seu “poder” não é absoluto. Isso se dá de formas diferentes nos dois tipos clínicos das neuroses. Na histeria, o sujeito situa o Outro com o poder de responder e a impotência em mandar, o mestre é castrado para que ela reine. Já na neurose obsessiva, o Outro tem um poder absoluto, ou pelo menos, o sujeito gostaria que ele tivesse, pois esse aí tem aversão ao furo. Isso é visível a partir do comando da lei do supereu que o manda “gozar”, mas o reprime pelo seu gozo. Por ter aversão ao furo, o obsessivo sabe pouco sobre o amor já que ele consiste em “dar o que não se tem”, pois afinal, o seu jogo se resume em “ter” para ser fâlico. Dai a sua coleção de objetos falicizados. Então ele se perde tentando responder à demanda do outro antes que ela vire desejo. Por ora se faz de morto, não desejante, portanto. Mas, se o obsessivo encontrar uma parceira histérica, terá problemas com a sua estratégia de morto-vivo, pois não há nada mais tediante para ela que um sujeito sem desejo. O obsessivo, temendo seu gozo excessivo, transforma o sexo em morte e faz curto-circuito onde a histérica interroga sobre o desejo e sobre a sexualidade³⁸.

É nessa falta de poder do Outro que se aloja o desejo do sujeito: a insatisfação do desejo na histeria é relativa à impotência do poder do Outro assim como a impossibilidade do desejo na neurose obsessiva é encoberta pelo impossível da resposta ao apelo do sujeito. A histérica denuncia os semblantes como insatisfatórios, diferente da obsessiva que é uma religiosa do significante. Enquanto as históricas denunciam a impotência do Outro, o obsessivo crê nele. A histérica banca o homem para denunciar a sua falta e o obsessivo sustenta o homem ideal, apesar de saber que ele não existe.

³⁸ RIBEIRO, M. Anita (2011). “*Um certo tipo de mulher*”, edição 7 Letras, Rio de Janeiro.

CAMINHANDO PARA O FIM

O amor exalta o sujeito quando temos um bom encontro, mas pode também deprimir quando nós perdemos o objeto amoroso, pois, ao colocar a causa de desejo no Outro, o sujeito se coloca à mercê dos caprichos da resposta dele. Esse é um lugar que a histérica conhece bem. Se o amor pode, por sua própria presença, oprimir o sujeito sob o peso de um Outro esmagador, Lacan chegou a dizer no “Seminário 1”³⁹, que o amor é um suicídio. O sujeito se mata quando se anula para o outro, quando deixa de ser desejante para se entregar como objeto ao Outro, se anulando, ele assina sua morte subjetiva. Esse é o amor que pode chegar à devastação na mulher, o amor que anula o sujeito do desejo. A histérica, se assume seu lugar de desejante, parece mostrar que essa devastação é um gozo assustador do qual ela não quer se aproximar. É também a posição da mulher, e não a da histérica, que faz a perda do amor ultrapassar a dimensão fálica, é a mulher que, ao perder o amor, perde-se, perde ela mesma.

O amor histórico pode nutrir uma queixa interminável, incessante projetando sobre o homem amado algo que está além dele. Ela ama sob a exigência que o homem amado desvende seus desejos e, então, não amam como mulheres, mas como homens, na busca do saber que nunca será adquirido, por isso perdem e permanecem insatisfeitas. Freud, por outro lado, aproximou o amor histórico ao amor feminino, dizendo ser o amor narcísico que busca, sobretudo, ser amada pelo outro, ao invés de amar, ao passo que, para ele, o obsessivo teria uma estratégia de amor masculina, separando objeto de gozo do objeto de amor. Me parece que, quanto à questão do narcisismo, ela aparece, em Lacan, para os dois lados, pois o amor é sempre narcisista. A histérica exige do outro a completude do ser, mas sabendo da impossibilidade da sua exigência, pela liberdade que tem com a falta, amarra o seu gozo naquilo que lhe permite continuar na insatisfação.

O amor é atrapalhado, mentiroso, inconsistente e recíproco, sempre recíproco, disse Lacan. O amor, então, é sempre recíproco porque o sujeito só se relaciona com a sua fantasia, fadado a voltar para o lugar masoquista dela que responde à primeira rejeição amorosa, essa que o sujeito não aceita, a rejeição do Outro primordial. Como vimos, a histeria, na sua fantasia, não aceita a rejeição amorosa e acredita que ela tenha uma ligação com o sexo, flertando com o feminino, enquanto o obsessivo flerta com a morte. O gozo é sempre parcial e singular. O sujeito

³⁹ LACAN, Jacques (1954). “*Séminaire I: Les écrits techniques de Freud (1953-1954)*” (aula do dia 7 de abril de 1954), versão STARFELA.

histórico sabe que não há complementariedade de gozos, mas acredita fazer suplência disso através do amor, ao menos pesquisa uma forma de fazê-lo.

No fim, a possibilidade que a psicanálise abre é a existência de um amor que não está mais a serviço da sua fantasia, mas de um amor a serviço da coragem de enfrentar a diferença do gozo, como enuncia Badiou. A análise, ao chegar no seu fim, é capaz de deixar o sujeito menos cego e mais advertido quanto às armadilhas do imaginário, permitindo um encontro onde as diferenças possam ser aceitas e não camufladas.

O amor é “a mediação entre duas pessoas que não se complementam, que só podem meio-dizer sua própria verdade”⁴⁰, dizer algo que circunscreve esse traço, essa marca singular, indizível e desconhecida que aproxima causando estranheza. A análise se desenrola para des-traumatizar o sujeito dos efeitos do Outro e mostrar a identidade como uma solução ilusória do eu, dependente do desejo do Outro. O que a cura analítica produz é a queda das identificações guiadas pela fantasia. A fantasia trabalha para a identidade enquanto o sintoma traduz a heterogeneidade e a inadequação em relação ao Outro. Sobre isso, Luis Izcovich adverte que “a psicanálise tem uma dimensão anti-identitária”⁴¹. O discurso do analista opera uma mudança a nível do amor, do desejo e do gozo por ser o único laço que leva em conta a fantasia.

Ao identificar-se com o seu sintoma, com aquilo que ela tem de mais particular, a histórica quebra o fio *hystórico* de la língua⁴². A plasticidade histórica ganha, portanto, um contorno que responde finalmente a algo da sua questão sobre o desejo, não do Outro dessa vez, mas o seu próprio. Identificar-se ao sintoma no término de uma análise tem a ver com um sujeito determinar, de uma nova forma, o que ele **quer** e o que ele **é**, mas não pela via da identificação com o Outro. A análise produz o sujeito amoroso do seu sintoma, sendo o sintoma a maneira como cada um goza do seu inconsciente, sempre singular.

Vemos que “não há saída para os impasses do amor se não levarmos em consideração um novo enodamento com as modalidades de gozo de um sujeito”⁴³. Para isso, “o Outro encarnado

⁴⁰ MIRANDA, Elisabeth (2004). “L’amour entre l’hystérie et le féminin”. In: “*L’en-je lacanien*”, n°, p. 38. Disponível em : www.carin.info/revue-l-en-je-lacanien-2004-1-page-33.htm .

⁴¹ IZCOVICH, Luis (2015). “*Les marques d’une psychanalyse*”. Édition Stilius, Collection Nouages, Paris, p.170.

⁴² BOUSSEYROUX, Michel (2018). “*Au risque de la topologie et de la poésie: élargir la psychanalyse*”. Édition Érès, Toulouse.

⁴³ IZCOVICH, Luis (2015). “Amor: semblantes e sinthoma”. In: “*Stylus Revista de Psicanálise da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil : amor e sexo*”, n°30, p. 21-28 junho 2015, p. 27.

pelo analista não é mais o lugar onde eu endereço a minha questão, em outras palavras, este Outro não é mais o parceiro do amor”⁴⁴.

Esse novo enodamento de amor e gozo, seria o que o Luis Izcovich chama de “a passagem do semblante ao sinthome”⁴⁵, essa da nova identificação ao mais-de-gozar que produz uma adequação ao amor, que não é mais uma miragem, pois ela mantém o que constitui o Um para o sujeito (sua essência irreduzível). A miragem era uma ilusão imaginária que o sujeito mantinha ao ver o horizonte vazio. “Autorizar-se de si mesmo é o oposto de se autorizar a partir dos semblantes, que provém sempre do Outro da linguagem”⁴⁶.

É certo que no fim da análise a mudança em relação ao gozo faz emergir um amor inédito. É somente sobre uma operação que implica o gozo que damos uma chance a um novo amor que vai, como diz Lacan, de sujeito a sujeito. Eu diria que o amor mais digno significa que o sujeito pode permitir um encontro entre sintomas que seja conveniente para o si próprio: “A transformação que se opera na análise quanto ao saber afeta os parceiros de saber do sujeito e conseqüentemente a relação ao amor. A análise torna o amor mais advertido, menos cego e, portanto, menos perdido”⁴⁷.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ *Ibid.*, p. 25.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 27.